

Resultado: Durante o período do estudo, foram registradas 429 intervenções de múltiplas causas. Relacionadas ao emprego de antimicrobianos, o total de intervenções correspondeu a 106 (24,7%), com média mensal de 26,5 casos. Quanto às intervenções nas indicações, do total de 166, 21,7% (n = 36) estavam relacionadas à terapia antimicrobiana e entre essas estão o descalonamento, o ajuste de duração da antimicrobianaoterapia, a duplicidade terapêutica e a indicação per si. Do total de 84 intervenções quanto ao ajuste de dose, 60 foram relacionadas a antimicrobianos (71,42%) e a respeito da diluição de medicamentos, três das quatro intervenções foram relacionadas a antimicrobianos (75%). Não houve registro sobre incompatibilidade relacionada ao uso de antibióticos e, em relação à frequência ou posologia, das 15 intervenções totais, três foram relacionadas aos antimicrobianos (20%).

Discussão/conclusão: Com base nos dados encontrados, foi possível discutir com a equipe de profissionais sobre a gestão da administração de antimicrobianos, com foco na segurança do paciente, o que culminou no desenvolvimento do protocolo institucional de gerenciamento de antimicrobianos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.131>

EP-070

ONDE ERRAMOS NA TERAPÊUTICA ANTIMICROBIANA EMPÍRICA DA SEPSE?



Thais C.G. Salles, Luciane M.B. Vinas, Karina D.A.G. Coqueti, Tatiana G.P. Toledo, Eduardo A.S. Medeiros

Hospital Santa Helena/Next Saúde, São Paulo, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 5 - Horário: 13:37-13:42 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: A alta mortalidade na sepse pode estar relacionada à escolha inicial inadequada do antibiótico. A implantação de protocolos clínicos para tratamento empírico é uma ferramenta útil, auxilia as instituições na padronização do atendimento ao paciente séptico e diminui desfechos negativos.

Objetivo: Avaliar a adequação da antibioticoterapia empírica em relação aos resultados de hemoculturas e revisar as recomendações do protocolo institucional de tratamento empírico da sepse.

Metodologia: Análise de registros de pacientes submetidos ao protocolo gerenciado de sepse do Hospital Santa Helena/Next Saúde de janeiro a junho de 2018.

Resultado: Foram registrados 391 protocolos de sepse. A média de idade foi de 68,1 anos, com predominância do sexo masculino, 197 (50,4%), e procedentes de suas residências (62,4%). Os principais focos infecciosos foram o pulmonar, 206 (52,7%), e urinário, 85 (21,7%). A coleta de hemoculturas ocorreu em 348 (89%) dos casos e 33 (8,4%) evidenciaram o crescimento de: *E. coli*, 10 (30,3%), *K. pneumoniae*, sete (21,2%), *E. faecalis*, três (9,1%), *Estafilococos coagulase* negativa, três (9,1%), *Streptococcus* do grupo *viridans*, dois (6%) e *S. marcescens*, *S. aureus* e *M. morgani*, três (3%). Desses, 21 (63,6%) receberam antibióticos adequados conforme o protocolo institucional e 27 (81,8%) foram considerados antibióticos

adequados conforme resultado de hemocultura. Cinco pacientes (15%) receberam antibiótico adequado conforme o protocolo institucional, porém inadequados conforme o resultado da hemocultura. Observou-se perfil de resistência em todas as amostras de hemoculturas desses pacientes (três *K. pneumoniae* resistente a carbapenêmicos, um *E. faecalis* resistente à vancomicina e em *E. coli* ESBL). Desses, quatro (80%) foram internados nos últimos 90 dias, três (60%) vieram de suas residências, três (60%) haviam usado antibióticos nos últimos 90 dias, dois (40%) estavam internados por período superior a 72 horas e dois (40%) usavam dispositivo invasivo.

Discussão/conclusão: A exposição prévia aos serviços de saúde e a antibióticos, assim como a presença de dispositivos invasivos, deve ser avaliada no momento da escolha do tratamento empírico, deve-se considerar a possibilidade de infecção por bactéria multirresistente. A revisão desses dados permite a revisão do protocolo de tratamento empírico da instituição para ressaltar a importância dessas informações na adequação do antibiótico.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.132>

EP-071 IMPLANTAÇÃO DE MELHORIAS NA CONDUÇÃO DO PROTOCOLO SEPSE, COM BASE NA ANÁLISE DE DADOS



Carolina Toniolo Zenatti, Danila Cassia Reis Santana, Fernanda Neves de Carvalho, Katia Kisielow dos Anjos, Alessandra Matsuno, Anderson Rosa Pereira, Cleusa Mutsumi Kimoto, Mitchele Kumpel, Juliana Maria da Silva, Juliane Cristina dos Santos Oliv, Raquel Scarpa, Thais Caballero Yoshimura, Vilania Sobral, Mario Lucio Baptista Filho

Hospital Leforte, São Paulo, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 5 - Horário: 13:44-13:49 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: Estima-se que cerca de 20 a 30 milhões de pacientes sejam acometidos por sepse anualmente. Uma vez diagnosticada, condutas que visam à estabilização do paciente são prioritárias. A mensuração da adesão a essas condutas permite avaliar o progresso de implantação e direcionar as políticas institucionais de melhoria assistencial.

Objetivo: Apresentar os resultados do protocolo de sepse de um pronto socorro adulto para 2018, após ações de melhorias para as não conformidades identificadas em 2017.

Metodologia: Análise retrospectiva dos indicadores gerenciados do protocolo de sepse e comparação dos dados pré e pós-implantação das ações de melhoria. Os indicadores foram: inclusão de pacientes no protocolo, manutenção do paciente no protocolo após avaliação médica, solicitação e entrega do resultado do lactato arterial em até 45 minutos e prescrição/administração de antibioticoterapia.

Resultado: A análise dos dados de 2017 permitiu identificar como fragilidades: inadequação no tempo de entrega do lactato e do tempo de prescrição de antibiótico. Para o ano de 2018 foram propostas as seguintes ações: criação do pacote de exames "kit sepse" no sistema de prescrições; reformulação da ficha do protocolo; treinamento prático para

equipe multidisciplinar; análise fragmentada dos dados de tempo “porta-antibiótico”; monitoramento da prescrição de expansão volêmica e ferramentas de identificação visual dos pacientes em protocolo. Após a implantação das medidas, observamos aumento na assertividade dos pacientes incluídos no protocolo (33,54% pós-ações, 31,59% antes das ações) e redução do tempo médio de entrega do lactato arterial (136 para 116 minutos). Os dados de tempo porta-antibiótico foram estratificados em tempo de prescrição médica e tempo de administração dos medicamentos, o que permitiu identificar que a etapa com maior fragilidade é o intervalo de tempo entre a prescrição e administração do medicamento. Porém houve redução do tempo médio dessa etapa (de 43,88 para 31,23 minutos) e do tempo porta-antibiótico (de 67,21 para 55,74 minutos).

Discussão/conclusão: A fragmentação da análise direcionou a implantação de ações de melhoria que impactaram positivamente nos indicadores. Observamos maior sensibilidade para suspeita da sepse. A identificação visual e treinamento parecem ser ferramentas importantes. A monitorização dos indicadores relacionados ao protocolo de sepse permite planejamento de ações de melhorias e motivação das equipes envolvidas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.133>

EP-072

AVALIAÇÃO DO USO DE ANTIMICROBIANOS NA COMUNIDADE NA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO, SP



Rodrigo Arutin Ferreira, Bianca Oliveira Muniz, Maria Paula Dezan Souza, Jessica Silva Aguiar, Ligia Castro Paganucci, Anelise Mendes Melo, Lucas José Bazzo Menon, Cinara Silva Feliciano

Centro Universitário Barão de Mauá (CBM),
Ribeirão Preto, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 5 - Horário: 13:51-13:56 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: Um dos fatores que contribuem para a emergência de microrganismos multirresistentes é o uso inadequado de antimicrobianos, também evidenciado na comunidade, o que pode ser exemplificado pelo aumento da prevalência de agentes resistentes em infecções respiratórias e do trato urinário a antimicrobianos com elevada taxa de uso nesse cenário.

Objetivo: Avaliar o perfil de uso de antimicrobianos na população de Ribeirão Preto, SP

Metodologia: Moradores da cidade de Ribeirão Preto foram aleatoriamente convidados a responder a um questionário estruturado com questões referentes a variáveis sociodemográficas e ao uso de antimicrobianos, tais como frequência de uso, indicação, nome do medicamento, prática de automedicação.

Resultado: Responderam o questionário 230 pessoas, a maioria (59,6%) do sexo feminino, na faixa de 30 a 60 anos (51,3%), com ensino médio completo (34,3%) e superior (39,6%); 67% dos entrevistados afirmaram usar antimicrobianos com

frequência anual, 36,1% responderam que já interromperam o uso por conta própria, seja porque os sintomas se resolveram ou por efeitos colaterais e 10% alegaram desconhecimento dos riscos associados ao uso desses medicamentos sem orientações; 25,7% dos entrevistados afirmaram já ter indicado algum antimicrobiano de que dispunham em casa para algum parente e 23% alegaram já ter comprado antimicrobianos sem receita médica nos últimos três anos, apesar do regulamento sobre a proibição de venda. Não houve diferença estatisticamente significativa entre a variável grau de escolaridade e as variáveis avaliadas. Dentre as pessoas entrevistadas, 77,4% se lembraram do último antimicrobiano de que fizeram uso, amoxicilina foi o mais frequentemente usado (48,9%), seguido de azitromicina (11,8%) e ciprofloxacino (10,6%).

Discussão/conclusão: A análise dos dados desta amostra demonstra a elevada frequência de uso de antimicrobianos pelos entrevistados, bem como a alta taxa de não obediência ao tempo de uso recomendado, a frequência de uso sem indicação médica e a taxa de compra sem prescrição médica após a regulamentação da Anvisa. Apesar de basear-se apenas em respostas dos entrevistados, o que pode trazer algum grau de incerteza, esta análise torna evidente a necessidade de medidas educativas da população como medida importante na promoção do uso racional de antimicrobianos, com potencial impacto no controle do avanço da resistência bacteriana.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.134>

EP-073

QUAL É O CONHECIMENTO DO ALUNO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA SOBRE ANTIMICROBIANOS, RESISTÊNCIA MICROBIANA E MEDIDAS DE PREVENÇÃO E CONTROLE DE INFECÇÕES AO CHEGAR AOS PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA MÉDICA?



Michel Laks, Carla Morales Guerra, Eduardo A. Medeiros

Escola Paulista de Medicina (EPM), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 5 - Horário: 13:58-14:03 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: O aluno de medicina deve, durante a graduação, manejar antimicrobianos (ATM) apropriadamente, bem como usar medidas que previnam a ocorrência de infecções e a resistência microbiana (RM). Há pouca evidência dos resultados do processo de ensino-aprendizagem dos temas, tampouco de como são ensinados e o aproveitamento do discente.

Objetivo: Avaliar o conhecimento do recém-graduado em medicina no uso de antimicrobianos, resistência microbiana e prevenção de infecções.

Metodologia: Foi feito estudo observacional transversal no Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina (EPM/Unifesp). Durante cinco anos, durante o primeiro dia de residência, o médico residente respondeu um instrumento que avaliava o conhecimento em quatro áreas: bases teóricas dos ATM (1), RM (2), tratamento de infecções (3) e medidas